

RELAÇÕES HUMANAS NO AMBIENTE DE TRABALHO: o (des)cuidado de si do profissional de enfermagem^a

Maria Aparecida BAGGIO^b

RESUMO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo de abordagem qualitativa que objetivou compreender o significado do (des)cuidado de si dos profissionais de enfermagem, bem como, as relações existentes entre o cuidar do outro e o cuidar de si. Teve como sujeitos profissionais de enfermagem atuantes na rede de saúde. Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturada e semi-estruturada e analisados conforme o método de análise de conteúdo. Os resultados desvelam o déficit de comunicação entre a equipe multiprofissional, mantenedora de um relacionamento interpessoal gerador de insatisfação e competição no ambiente de trabalho como fatores de descuido de si e entre os profissionais de enfermagem.

Descritores: Enfermagem. Relações humanas. Comunicação. Ambiente de trabalho.

RESUMEN

Se trata de un estudio exploratorio descriptivo, de abordaje cualitativo, con el objetivo de comprender el significado del descuido de sí mismos de los profesionales de enfermería, así como las relaciones existentes entre el cuidado del otro y de sí mismo. El estudio tuvo como sujetos a los profesionales de enfermería y a los enfermeros que se desempeñan en la red de salud. Los datos fueron tomados por medio de entrevistas estructuradas y semiestructuradas, y se los analizó según el método de análisis de contenido. Los resultados revelan el déficit de comunicación entre el equipo multiprofesional, mantenedor de una relación interpersonal generadora de insatisfacción y competición en el ambiente de trabajo como factores del descuido de sí mismo, así como entre los profesionales de enfermería.

Descriptorios: Enfermería. Relaciones humanas. Comunicación. Ambiente de trabajo.

Título: Relaciones humanas en el ambiente de trabajo: el descuido de sí mismo del profesional de enfermería.

ABSTRACT

This is an exploratory descriptive study with a qualitative approach aimed at understanding the meaning of self care (or carelessness) among nursing professionals, as well as the relationship between taking care of others and self-care. The subjects were nursing professionals working in the health sector. Data were collected by structured and semi-structured interviews and analyzed according to the content analysis method. Results revealed that there is a lack of communication among members of the multi-professional team. This situation induces interpersonal dissatisfaction and competition in the work environment, leading to lack of self-care among nursing professionals.

Descriptors: Nursing. Human relations. Communication. Working environment.

Title: Human relationships in the work environment: lack of self-care among nursing professionals.

^a Este artigo é parte da dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde Humana da Universidade do Contestado (UnC) de Concórdia, SC, defendida em 2004.

^b Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde Humana pela UnC de Concórdia, SC.

1 INTRODUÇÃO

O profissional de enfermagem busca constantemente capacitar-se à prestação do cuidado de saúde ao ser humano-paciente-cliente, à realização e aperfeiçoamento de tecnologias e procedimentos que promovam a saúde, previnam doenças e recuperem lesões; na impossibilidade de cura ou recuperação, favoreçam uma morte digna e com o menor sofrimento possível.

A preocupação com a formação técnico-científica, o conhecimento das patologias e os procedimentos técnicos acabam limitando e fragmentando as atitudes do profissional a simples intervenções. Em que momento este profissional coloca-se a refletir sobre as relações de cuidado? Como estão as relações de cuidado interpessoais no ambiente de trabalho?

O profissional de enfermagem, ao procurar definir conceitos de cuidar e cuidado, apresenta certo grau de dificuldade para a sua construção a partir do seu conhecimento empírico e, por fim, acaba utilizando-se de frases já prontas, aprendidas na escola, que foram elaboradas por outros.

Como seres humanos, estamos frequentemente nos relacionando com outras pessoas, porque dependemos de relações sociais, da interação com os amigos, a família, os colegas de trabalho e até com pessoas que não conhecemos. O tipo de relação com essas pessoas dependerá, também, da maneira como dispensamos o cuidado para nós mesmos, pois precisamos estar bem conosco mesmos para estarmos bem com o próximo.

Na enfermagem, geralmente cuidamos de pessoas que nunca vimos antes, seguindo os princípios de solidariedade e de responsabilidade profissional, que estão inseridos na base de um cuidar humanizado, que não discrimina raça, credo, gênero ou cor. Ao profissional de enfermagem cabe atender e compreender o “outro” em suas particularidades. Assim, ao buscar o autocuidado, o autoconhecimento e a autoaceitação na sua área de atuação, o cuidador, baseado em seus conhecimentos e tecnologias, sustentará sua prática profissional nas suas próprias atitudes.

O cuidar/cuidado se manifesta em resposta a determinada pessoa ou coisa, a quem ou à qual o cuidador percebe como importante e valioso para si. O cuidado humano encontra-se subjacente aos valores sociais, além da competência técnica

com que deve ser desenvolvido, priorizando a harmonia, a liberdade, o respeito e a autonomia do outro e de si⁽¹⁾.

Em um ambiente no qual várias pessoas interagem diariamente no desenvolvimento de atividades profissionais, necessário se faz que haja um equilíbrio harmonioso entre elas. Quando um profissional apresenta algum problema, seja de saúde, pessoal ou profissional, pode contagiar o ambiente com seu estado de humor.

Considero pertinente abordar a importância da relação do profissional da enfermagem com o trabalho e o seu processo de viver, ser e sentir-se saudável, na tentativa de entender como ocorre essa relação para oferecer subsídios claros e amplos que possibilitem a reflexão entre o trabalho e a saúde. Sabe-se que o trabalho da enfermagem, em virtude de suas características, de desenvolver o cuidado a pessoas doentes, vivenciando perdas, dores, sofrimento e morte, expõe o profissional a situações difíceis e de desgaste emocional. Além disso, o cuidar do ser que é cuidador tem sido pouco valorizado pelos próprios profissionais da saúde. O cuidar exige preocupação, conhecimento, dedicação ao próximo e a si mesmo e, o profissional de enfermagem, possui condições e qualificação necessária para proporcionar um ambiente de cuidado aos clientes e aos profissionais cuidadores da equipe multiprofissional.

O estudo objetivou compreender o significado do (des)cuidado de si para o profissional de enfermagem que cuida do “outro” em seu cotidiano, bem como, identificar as relações existentes entre o cuidar do outro e o cuidar de si.

2 MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de um estudo do tipo exploratório descritivo de abordagem qualitativa. Participaram 12 profissionais em exercício na rede pública e particular no interior do Estado do Rio Grande do Sul, selecionados aleatoriamente. Todavia, para este artigo, foram selecionados fragmentos de falas de apenas quatro sujeitos, identificados por nome de flores para garantir o anonimato dos mesmos.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com questões estruturadas e semi-estruturadas sobre o tema de estudo. Os dados coletados foram analisados qualitativamente por

meio da leitura e releitura das entrevistas de acordo com a análise de conteúdo⁽²⁾.

O projeto, em conformidade com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽³⁾ que estabelece normas e diretrizes à conduta de pesquisas que envolvem seres humanos, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Contestado e recebeu parecer favorável para a sua execução. A adesão dos participantes ao estudo ocorreu mediante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido que assegura os direitos éticos aos mesmos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concomitante ao cuidado de si e do cliente, é importante valorizar as relações interpessoais no ambiente de trabalho, o cuidado do colega, pois vivemos em sociedade, em grupo e no trabalho formamos uma equipe. Nas relações interpessoais a comunicação necessariamente não precisa ocorrer de forma verbal; o não verbal, também, pode comunicar o cuidado ao outro.

O crescimento do saber na área da saúde humana e dos avanços tecnológicos repercute no aperfeiçoamento dos procedimentos e assegura melhores condições à assistência de enfermagem. No entanto, apesar de tanto avanço tecnológico e científico, as relações entre os profissionais nas instituições de saúde, e destes com o cliente, parecem não terem avançado suficientemente, demonstrando, ainda, relações predominantemente verticalizadas, paternalistas e autoritárias⁽⁴⁾.

É preciso dar atenção àquele que convive a maior parte do tempo conosco no ambiente de trabalho, que vivencia os mesmos conflitos, as mesmas dores, as mesmas alegrias, enfim, o colega que está ali ao lado.

O cuidado humanizado ao outro, neste caso o colega, advém de atitudes na busca de um (con)viver melhor, devendo o profissional, nos processos interativos, demonstrar-se aberto e flexível. Dividir tarefas, vencer resistências individuais e coletivas, negociar e dividir espaços em comum são atitudes de cuidado que podem ser demonstradas no âmbito profissional, apontando uma forma ética de relacionamento humano⁽⁵⁾.

O cuidado entre os profissionais de enfermagem, também inclui a assiduidade, a pontuali-

dade, o coleguismo, a agilidade, a resolutividade e o comprometimento com o outro para o bom andamento do trabalho. O (des)cuidado entre os colegas de trabalho pode repercutir na qualidade da assistência ao paciente e do trabalho como um todo⁽⁶⁾.

Em alguns casos, percebe-se que há dificuldade entre os profissionais de enfermagem para estabelecer um relacionamento calcado no respeito e na solidariedade entre si. Na verdade, o que se tem notado é um relacionamento competitivo e frio. E ainda, “Esta relação de si com o outro nem sempre se dá de forma harmoniosa e ordenada”^(7:96). Ao contrário, se dá de modo complexo e conflituoso. Será que o profissional que cuida do outro-cliente em seu cotidiano não demonstra cuidado ao outro-colega? Qual a dificuldade nos relacionamentos de cuidado entre profissionais que atuam juntos e para o mesmo fim?

No cotidiano dos profissionais de enfermagem, tem se observado um clima de insatisfação do grupo, com freqüentes desentendimentos e ressentimentos. Os profissionais do cuidado, individualmente, podem demonstrar atitudes gentis com a clientela, porém, podem mostrar-se hostis e implacáveis com os colegas. No entanto essa falta de integração entre os agentes do cuidado poderá acarretar em descuido com o próprio colega e com os clientes em geral. É preciso resgatar o cuidado humano em cada um dos profissionais envolvidos, em particular entre os profissionais da enfermagem. O cuidado como condição humana deveria se constituir em um imperativo moral⁽⁸⁾.

O depoimento a seguir aponta nesta direção:

Agora o que eu sinto muita falta é que as pessoas, a gente até tenta se cuidar, mas tem na enfermagem aquela coisa de você não cuidar do teu colega. Você cuida do paciente, você até tenta se cuidar, né? Mas um colega não cuida do outro... Se você tá cuidando do paciente, porque você não cuida do colega? Tipo ajudar o colega, o colega não tá bem, tentar erguer o colega. Isso não tem; não tem na enfermagem [...] não tem. Eu acho que essa preocupação não existe (Ipê).

A demanda de trabalho, o grande número de clientes para cada profissional, a jornada de trabalho exaustiva, a pressa para desenvolver todas as

suas atribuições sem deixar falhas, as condições de trabalho desfavoráveis, o medo do desemprego, talvez esses sejam alguns motivos que justifiquem a desarmonia do relacionamento interpessoal entre os profissionais de enfermagem. Mas será que mesmo assim é justificável o não cuidado do outro-colega? Tal competitividade parece estar calcada no modelo de produção taylorista-fordista onde a preocupação com a tarefa está sobreposta às relações com o outro.

Pode-se observar que,

Entre as barreiras que impedem ou dificultam a realização do cuidado na forma idealizada, citam-se os valores da profissão; a falta de envolvimento profissional; a falta de um forte sentido do self por parte das cuidadoras; a falta de uma ética específica, menos dependente da ética e das decisões médicas; a falta de conhecimento; o tempo limitado para atualização e reflexão devido ao excesso de responsabilidades; a gratificação inadequada. Essas, por sua vez, incluem uma inerente falta de controle sobre a prática profissional, confusão quanto às exigências educacionais, falta de apoio para a prática do cuidado e desatenção ao processo de socialização^(8:156).

Indubitavelmente, por maiores que sejam os problemas, os conflitos e as angústias pessoais do profissional, deve-se repensar o relacionamento com o colega, valorizando-o para ser valorizado, pois o relacionamento interpessoal precisa ser uma troca mútua e constante, como lembra o seguinte depoimento:

[...] *ali no Pronto Socorro [...] aquilo é um inferno durante o dia, um inferno [...] tudo bem que tava precisando ajuda, mas não dava nem tempo, não dava tempo. E ela [a chefia] queria que tu fizesse aquilo sabe. E tinha outra [colega] que ficava enrolando atadurinha lá. Fulana ajuda lá? Eu tô precisando, aquele paciente não tá bem, vem me ajudar! Ah, hoje não é minha semana de atender ali na sala de emergência [falou a colega]. Bah! Eu ficava louca da vida. E dava vontade de reclamar [...] se chega dar um piripaque, chega morrer uma pessoa que não tá bem. Duas, três pessoas na sala de emergência! A gente precisa de material, mas se os pacientes*

tão ruim e precisam de oxigênio ligeiro? Ou tá fazendo medicação? Quando era a minha vez de ir lá na frente [sala de emergência], ninguém ia me ajudar. Eu ia com gosto ajudar, não precisava me pedir. Eu fazia com gosto (Violeta).

O ambiente institucional deve promover o cuidado aos cuidadores oferecendo o apoio necessário para que ocorra o cuidado do outro-cliente-colega adequadamente. Uma forma de cuidado de quem administra seria prover material e pessoal suficiente com adequado preparo profissional para promover um atendimento de qualidade, incluindo o apoio para o planejamento e desenvolvimento de ações cuidativas de enfermagem. Se as condições do ambiente não forem adequadas geram a insatisfação e a frustração do profissional no exercício das suas atividades.

O respeito à autonomia do sujeito, direito nato, que lhe permite agir de acordo com a sua vontade, fazer escolhas considerando o melhor para si e gozar dos direitos de cidadão que é, precisa ser resgatado. A autonomia nas relações interpessoais, no ambiente de trabalho, possibilitaria o respeito a si e ao outro, pois ser autônomo, segundo os autores, significa ter liberdade de pensamento sem sofrer coações internas ou externas e a opção de decidir de acordo com as possibilidades concedidas, exercendo, contudo, o direito autônomo⁽⁴⁾.

O trabalho em equipe depende do esforço de cada um dos sujeitos envolvidos, objetivando o mesmo fim. O compromisso com o cuidado do outro-cliente e o coleguismo entre a equipe são a alavanca principal para o desenvolvimento de um bom trabalho em enfermagem. Na enfermagem, o cuidado é uma continuidade conforme apregoam os discursos dos profissionais. E na prática, como é que os próprios profissionais de enfermagem vivenciam o trabalho em equipe? Vejamos o relato do sujeito a seguir:

[...] *há entre colegas no caso assim [...] é muita fusquinha mesmo que tem. Tem colegas que tem inveja sabe, e outras colegas que te ajudam... uma coisa assim que tu deixou sem fazer. Tu passa no plantão, como dizem a enfermagem é uma continuidade. Tu passa no plantão, olha não deu tempo de fazer, como no caso eu sozinha. E daí tem outras colegas que não dá pra dizer isso, em hipótese alguma. Tem que*

dar tempo, tem que dar tempo de tu terminar. Pra ti não se incomodar [...] tem colegas que não aceitam, levam pra chefia, bah, tá loco, não dá certo, não tem coleguismo [...] tem pessoas assim, que não, elas querem tudo pronto, sabe, tudo pronto. Chegou ali tá tudo pronto, não precisa fazer nada é só sentar lá e não precisa fazer nada (Violeta).

O relacionamento entre os profissionais de enfermagem e estes com a equipe multiprofissional e vice-versa precisa ser repensado. O cuidar como uma forma de se relacionar parece um paradoxo, pois, “A hostilidade, o ódio, a violência, a desonestidade e o medo convivem com a solidariedade, a afetividade, o amor, a luta pela paz, pelo respeito, pela esperança”^(8:36). O que se pode concluir é que o ser humano possui sentimentos e comportamentos ambíguos de cuidado e não cuidado nos seus relacionamentos.

A enfermagem precisa aprender a se comunicar para transformar a própria realidade e, para isso, o diálogo seria a melhor forma para oportunizar a integração do grupo. É sabido que “A valorização e o respeito mútuo entre colegas de equipe contribuem para que ocorra integração, assim como o dar-se conta de que as atitudes integrativas melhoram o relacionamento interpessoal”^(9:120). Tal situação é reclamada por Orquídea, nos seguintes termos:

[...] entre os profissionais deveriam se ajudar mais, ter mais contato, mais conversa entre eles. Automaticamente as coisas seriam mais fáceis. Eu acho que eles trabalham muito individualizados. Porque o pessoal não colabora, não atua junto (Orquídea).

Nota-se a comunicação restrita e o individualismo como aspectos negativos para a construção de um ambiente laboral harmonioso e prazeroso. A conscientização sobre a importância da comunicação nas relações humanas, principalmente no ambiente de trabalho, é percebida como o passo inicial para o estabelecimento de uma relação prazerosa na vivência em grupo⁽¹⁰⁾. Mudar essa realidade, indubitavelmente, depende da ação do homem, que por meio das relações interpessoais poderá acarretar prazer ou desprazer nas suas atividades de labor.

Quando um novo membro é integrado ao grupo de enfermagem, automaticamente, os sujeitos envolvidos iniciam a fase de identificação e (re)conhecimento entre si. Durante a etapa de familiarização entre os sujeitos são vários os sentimentos experimentados e atitudes apontadas. No entanto, essa experiência pode ser positiva para uns e negativa para outros, dependendo do contexto, como lembra Ipê:

[...] no começo, os funcionários não te aceitavam, você é bem testado, testam você, os funcionários, os pacientes. Quando você chega no setor é testado. E os funcionários, eles não te aceitam de cara como um chefe, né? Mas depois vai conquistando o teu espaço. E eu não tive esse problema. Queixa dos funcionários em relação a alguns chefes é porque eles são meio indelicados em falar a mesma coisa e tal. Tem que ser indelicado? Falta um pouco de [...] talvez educação mesmo (Ipê).

Algumas dificuldades podem ser encontradas no cotidiano do trabalho, dentre elas, a resistência da equipe de saúde diante de uma nova situação ou de um novo membro. É freqüente, no ambiente de trabalho, os sentimentos de inadequação, dada às dificuldades encontradas nas relações interpessoais, que abatem os trabalhadores e transformam o meio profissional em uma “selva”. Dessa forma, a sobrevivência torna-se preocupação de todos os indivíduos que neste meio se encontram. O individualismo fica aguçado, ficando as próprias necessidades superpostas as dos outros, inclusive as do cliente. E a garantia do cuidado do outro, neste caso, pode ficar prejudicada⁽¹¹⁾.

O cuidado humano é uma atitude ética em que os seres humanos percebem e reconhecem os direitos uns dos outros. O relacionamento entre os profissionais envolvidos no ambiente de trabalho, para ser positivo, deve promover o crescimento e o bem estar do outro, no sentido de ajudarem-se mutuamente, aceitando o outro com as suas diferenças e particularidades⁽⁸⁾. No entanto, questiona-se: qual a finalidade de testar o colega ou o chefe?

O profissional de enfermagem consciente do seu compromisso com o trabalho se sente culpado em faltar ao seu dever profissional. Neste

caso, subentende-se que para faltar ao trabalho é preciso ter um motivo digno de pena, é preciso estar doente, ter disfunções relevantes, geralmente, sintomas físicos.

Ocorre que o profissional se preocupa com “o que irão pensar” caso falte ao trabalho, mesmo que apresente um importante problema de saúde; o profissional se preocupa, principalmente, com o que os colegas e a chefia irão pensar e/ou comentar da sua pessoa ao invés de se preocupar com o próprio estado de saúde físico e mental.

Quando o profissional de enfermagem apresenta um atestado por problemas de saúde, o mesmo é criticado pelos colegas, como se fosse imune a doenças. A preocupação dos demais colegas não diz respeito ao estado de saúde do que adoeceu e sim se o motivo do afastamento é realmente justificável. Ao retornar ao trabalho são poucos os que perguntam, ao colega que se afastou, como ele está e se preocupam com o seu estado de saúde⁽⁶⁾, como aponta Violeta:

[...] e agora pra outras pessoas [se referindo aos colegas e chefias] se tu não for trabalhar é porque tu tem que ter uma dor de cabeça horrível, quebrou uma perna ou alguma coisa assim, sabe? A minha cabeça não é doença, né? (Violeta).

Não é raro um profissional ausentar-se do trabalho por motivo de doença e ser criticado ou julgado, seja pelo colega ou pela chefia, e ser questionado se a doença em questão é, realmente, motivo para ausentar-se.

Algumas formas de cobranças e imposições de poder e autoridade, assim como o inter-relacionamento entre os sujeitos da equipe de enfermagem geram, em algum momento, mal-estar e insatisfação.

A capacidade de saber se expressar exerce influência no processo de comunicação interpessoal. O grupo de enfermagem, segundo Helicônia, não estava concordando com a escolha da data e do horário de um treinamento que seria realizado com o grupo. Porém, nenhum dos profissionais tentou estabelecer, através do diálogo, uma comunicação que manifestasse suas opiniões. A vontade do grupo era de não comparecer ao treinamento devido às dificuldades de adequação à data e ao horário estabelecido. No entanto, o silêncio de todos e a não manifestação de nenhum

indivíduo assegurou que todos estavam concordando com a situação. Talvez cada um dos indivíduos estivesse esperando que o outro se manifestasse em prol do grupo para expor o descontentamento e beneficiar a todos sem se expor. E, assim, cada um ficou aguardando a reação do outro e ninguém se manifestou.

Nessa perspectiva, é possível notar que os sujeitos desta pesquisa não estão sabendo articular coerentemente a comunicação em enfermagem. A exposição de opiniões e o diálogo proporcionam o crescimento e interação do grupo. Para ocorrer a verdadeira comunicação é preciso autenticidade e empatia dentro de um clima de consideração e respeito interpessoal, considerando que todos possuem desejos, anseios, expectativas e esperanças.

Ao profissional é importante saber se expressar e facilitar a expressão do outro, o que pode propiciar um relacionamento interpessoal apropriado e satisfatório no grupo. A comunicação, quando veiculada adequadamente, proporciona um clima de satisfação e valorização multiprofissional. Helicônia lembra:

[...] ninguém tentou dizer que não ia, entendeu? Então a gente tá falhando também. Será que se todas nós tivéssemos dito assim ó: nós não podemos escolher um horário mais [...] quando for melhor pra nós? Ninguém foi tentar isso. Simplesmente a gente aceita as coisas [...].

A importância da comunicação e da troca de saberes entre os profissionais para a promoção de relações mais simétricas no ambiente de trabalho deve ser lembrada⁽⁴⁾.

A comunicação em enfermagem, coerente, ética e positiva, é uma forma de fortalecer as relações humanas no ambiente de trabalho, tornando o processo laboral construtivo e produtivo, além de prazeroso⁽¹²⁾.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O déficit de comunicação entre a equipe profissional, mantenedora de um relacionamento interpessoal gerador de insatisfação e competição, propugna a necessidade de se ressignificar tais relações na medida em que entendo que o cuidado de si e entre si destes profissionais no ambiente de

trabalho é, decididamente, condição imprescindível ao cuidado do “outro-cliente”.

Os profissionais precisam ser estimulados a pensar nas ações cuidativas para com o “outro-colega” e, indispensavelmente, para si, podendo, assim, se beneficiar futuramente ao realizar o exercício do cuidado e ao implementar o cuidado não só da clientela, mas também entre si, com os colegas de equipe e por si.

O profissional que não consegue articular o processo de cuidar do outro-cliente-colega e cuidar de si próprio pode transformar tal desarticulação em um motivo gerador de estresse – de des-cuidado, no desenvolvimento de suas atividades. A multidimensionalidade do ser humano exige, de qualquer profissional da área da saúde, uma gama de conhecimentos necessários ao inter-relacionamento profissional e pessoal para buscar uma nova cultura – a cultura de pensar o cuidado nas suas diferentes dimensões humanas.

A comunicação, seja verbal ou não-verbal, faz parte do processo de cuidar em enfermagem, para tanto, entre os profissionais do cuidado, deve ser conduzida com ética e zelo, vislumbrando a construção de relações humanas harmônicas e um clima de satisfação mútua no ambiente profissional.

REFERÊNCIAS

- 1 Waldow VR, Lopes MJM, Meyer DE. Maneira de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
- 2 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 4ª ed. São Paulo: Hucitec; 1996.
- 3 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 1997.
- 4 Soares NV, Lunardi VL. A comunicação, a informação como possibilidade de redução da assimetria entre o profissional da saúde e o cliente [monografia na Internet]. In: Anais do 8º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem; 2002 maio 2-3 [citado 2004 dez 20]; São Paulo, Brasil. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100027&script=sci_arttext&tlng=pt.
- 5 Gomes GC, Erdmann AL. O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização. Revista Gaúcha de Enfermagem 2005;26(1):20-30.
- 6 Costenaro RGS, Lacerda MR. Quem cuida de quem cuida? Quem cuida do cuidador? Santa Maria: Unifra; 2001.
- 7 Costa ALRC. O cuidado como trabalho e o cuidado de si no trabalho de enfermagem [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1998. 135 f.
- 8 Waldow VR. Cuidado humano: o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra Luzzatto; 1998.
- 9 Poletto DS. Integratividade: uma nova visão sobre as relações de liderança na enfermagem [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1998. 191 f.
- 10 Coimbra VCC, Silva ENF, Kantorski LP, Oliveira MM. A saúde mental e o trabalho do enfermeiro. Revista Gaúcha de Enfermagem 2005;26(1):42-9.
- 11 Sobral V, Tavares C, Santos I, Silveira F. Sensibilizando a formação do cuidador. Enfermería Global [periódico na Internet] 2003 [citado 2004 dez 20]; 5(3). Disponível em: <http://www.um.es/eglobal/3/03e03p.html>.
- 12 Baggio MA. O (des)cuidado de si do profissional de enfermagem [dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde Humana]. Concórdia: Universidade do Contestado; 2004. 150 f.

Endereço da autora/Author's address:
Maria Aparecida Baggio
Rua Morom, 2664, Aptº. 302
99.010-034, Passo Fundo, RS
E-mail: mariabaggio@yahoo.com.br

Recebido em: 31/03/2006
Aprovado em: 12/12/2006